

UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO
INTERDISCIPLINAR DE
ESTUDO E PESQUISA
DO IMAGINÁRIO
SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ANO XVIII
VOLUME 28
(JAN-JUN)
2018
P. 161-177.

O PASSADO NO PRESENTE: A PRODUÇÃO DE SABERES EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE MATO GROSSO

Ângela Maria dos Santosⁱ

Doutoranda em Educação

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Nilvaci Leite de Magalhães Moreiraⁱⁱ

Doutoranda em Educação

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

RESUMO

Desde o período colonial, a formação de comunidades negras se constituiu como um espaço de luta, resistência e de arcabouço cultural. Assim, os conhecimentos culturais ancestrais continuam sendo dinamizados por meio da tradição oral nesses territórios. E, hoje, muitos desses saberes estão presentes no cotidiano das populações quilombolas, dentre eles: o cultivo de roças, o uso de plantas medicinais, as festas de santo, práticas de benzeção, artesanato e técnicas científicas tradicionais. São essas as abordagens desse artigo, a partir de dados coletados em algumas comunidades quilombolas, situadas nas regiões tradicionais do Estado de Mato Grosso.

Palavras-chave: Saberes; Cultura; Quilombos.

THE PAST IN THE PRESENT: A KNOWLEDGE PROJECT IN QUILOMBOLAS COMMUNITIES OF MATO GROSSO

ABSTRACT

Since the colonial period, the formation of black communities has constituted a space of struggle, resistance and cultural framework. Thus, the ancestral cultural knowledge, continue being dynamized through the oral tradition in these territories. And today, many of these knowledges are present in the daily life of quilombola populations, among them: the cultivation of orchards, the use of medicinal plants, saint's feasts, blessing practices, handicrafts and traditional scientific techniques. These are the approaches of this article, based on data collected in some quilombola communities located in the traditional regions of the state of Mato Grosso.

Keywords: Knowledge; Culture; Quilombos.

Introdução

Os saberes abordados neste artigo compreendem recortes de informações sobre as comunidades quilombolas, Exu e Pita Canudo (município de Cáceres); Mata Cavalão de Cima (município de Ns. Sra. de Livramento) e Jejum (município de Poconé).

Todas essas Comunidades são certificadas pela Fundação Cultural Palmares e se localizam em regiões antigas (desde o período colonial) de Mato Grosso. As comunidades quilombolas obtiveram suas certidões de Autodefinição como Remanescentes de quilombo pela Fundação Cultural Palmares entre 2005 e 2017. Todavia, desde 1988, com a promulgação da Constituição Federal, os direitos à regularização de seus territórios já estavam expressos no Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT): “os remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras são reconhecidos a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”. Essa competência foi atribuída ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, de acordo com o Decreto 4.887 de 20 de novembro de 2003.

Porém, até os dias atuais, muitas dessas populações tradicionais ainda lutam pela concretização dessa garantia. Essas incansáveis lutas pela titulação definitiva de suas terras,

emitida pelo INCRA, é a possibilidade que os quilombolas brasileiros possuem de manter viva seus costumes e tradições historicamente deixados pelos seus ancestrais, saberes que têm intensa relação com a educação não formal, conhecimentos acumulados secularmente e transmitidos através da tradição oral.

As informações compreendem coleta de dados atuais e que antecederam às pesquisas de doutorado, tendo como referenciais principalmente o uso de entrevistas. Na coleta das informações, as entrevistas constituíram, pois, uma técnica complementar importante no estudo dos grupos sociais, porque compreendemos que a entrevista caracteriza-se pelo “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro” (HAGUETTE, 1997, p.86). May (2004, p. 145) salienta que “as entrevistas geram compreensões ricas das biografias, experiências, opiniões, valores, aspirações, atitudes e sentimentos das pessoas”.

Por meio das entrevistas, foi possível verificarmos que os saberes das comunidades quilombolas estão relacionados aos conhecimentos tradicionais que compreendem as técnicas de plantio, técnicas de produção de cal, o uso de plantas medicinais, as festas de santo e práticas de benzeção. Esses saberes e fazeres fazem parte da cultura dos grupos, circulado pela oralidade, na qual os conhecimentos são repassados para as gerações mais novas.

Oralidade e Cultura nas comunidades tradicionais

A oralidade se torna uma “herança cultural”, no caso das comunidades quilombolas, mesmo porque é essa oralidade que garante a elas a continuidade e possibilidade de dar voz e escrita sobre a própria existência individual e coletiva. Em algumas situações, também constituíram (re)afirmação identitária. A oralidade confere, assim, elementos culturais e históricos que perpassam pelo corpo, produção material e imaterial, tradições, valores, religião e espiritual, referente à memória produzida pelos indivíduos ou pelo grupo.

Outro aspecto importante é que “a oralidade numa cultura permite privilegiar o aspecto oral na aquisição e transmissão dos conhecimentos e dos valores, dispondo de um meio de fixação específico” (AGUESSY, 1980, p. 108). Ela abarcaria melhor as dimensões e especificidades dos valores, os sentimentos e pensamentos de uma determinada realidade cultural.

Na cultura africana, os conhecimentos dos ancestrais foram secularmente transmitidos pelos mais velhos para as gerações mais jovens, portanto, a tradição oral faz parte de uma cosmovisão africana. O intelectual africano Joseph Ki -Zerbo já trazia uma reflexão sobre o lugar da oralidade na história para a sociedade africana, afirmando que ali a palavra não é

desperdiçada, visto que, “a tradição oral aparece como repositório e o vetor do capital de criações socioculturais acumuladas pelos povos ditos sem escrita: um verdadeiro museu vivo” (KI-ZERBO, 2010, p.38).

Consoante a esse pensamento, Jan Vansina (2010) salienta que a oralidade nas civilizações africanas foi uma forma de preservar a sabedoria dos ancestrais, considerando que, em uma sociedade oral, a fala não é somente concebida como fonte de comunicação, é algo sagrado, é “um testemunho transmitido oralmente de uma geração a outra” (p. 140).

Sobre cultura, Geertz (2008) observa que esta é uma teia de significados construída pelas pessoas, orientadora de sua existência. Nesse sentido, a cultura significa um protótipo formado pelas significações transmitidas historicamente e incorporadas pelos indivíduos a partir de símbolos. Por esse sistema de concepções herdadas, expressas sob formas simbólicas, os indivíduos se “[...] comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida” (GEERTZ, 2008, p.66).

De fato, a cultura diz muito de nós, da forma como pensamos e apreendemos a nossa realidade, do jeito como manipulamos e produzimos conhecimentos e principalmente das representações criadas para externarmos essa cultura. Ela coexiste em comportamentos e práticas, relativos às organizações simbólicas, da produção social de sentidos, base sobre a qual nos relacionamos com o real (SANTOS, 2009).

Em todo esse complexo conceitual, as comunidades quilombolas possuem as suas culturas com elementos tradicionais próprios e com complexas dinâmicas internas e externas. Nesse contexto, os saberes dos quilombos integram sua história, suas formas de sobrevivência no meio ambiente, no passado e no presente, onde estão as formas de produções, de práticas religiosas, alimentares e outros.

No artigo publicado por Müller, Santos e Moreira (2016), intitulado *Quilombos e quilombolas em Mato Grosso*, as autoras procuraram ressaltar que diversos quilombos situados em terras mato-grossenses são marcados por uma diversidade de formas de ocupação territorial. Tais espaços se configuram em territórios determinantes na reelaboração das raízes culturais negras. Ao que parece, as formas culturais presentes nesses locais tradicionais se entrelaçam com a própria historicidade dos quilombos como mecanismo de resistência negra, que, na ótica das referidas autoras, espaços de elaboração e reelaboração de “experiências baseadas em princípios africanos”. (MÜLLER, SANTOS e MOREIRA ,2016, p. 8),

Nessa perspectiva, para entender bem essa relação dos quilombolas com as tradições ancestrais, registramos, por meio de coletas de dados, diversas práticas cotidianas que envolvem os diferentes saberes, que fazem parte do universo cultural de alguns territórios quilombolas de Mato Grosso.

Os saberes e fazeres quilombolas entre tradição e resistências

A cultura religiosa aparece como um elemento importante na identidade de grupo, que se apresenta pelo catolicismo popular, no qual aparecem os aspectos híbridos da dimensão cultural negra nas festas de santos, uma construção católica branca. É o que podemos inferir nesta fala:

Meu avô que fazia festa de São Sebastião. Ai ele morreu, minha mãe não qui parar. Fazia muxirumⁱⁱⁱ para fazer cigarro, levantava de madrugada pra cortar a palha. Muxirum para socar arroz os vizinhos iam ajudar. Ai já na véspera da festa, fazia o bolo, imensidade de bolo. Dois a três latão de bolo... Biscoito. A carne picava tudo aquela carne para fazer almondega. E aquelas pessoas que vinham longe assim da festa, quando ia embora, nos fazia farofa pra levar, a matula. Aquele ia sobrando levava, manojo assim de cigarro (Oralidade 1 – Comunidade Exu).

164

As oralidades sobre esses festejos apresentam a passagem de um tempo para o outro, indicando uma nova configuração das práticas culturais no local. No confronto entre os dois tempos, o saudosismo dos mais velhos indicam uma tradição, que foi se perdendo sobre a maneira como se fazia as festas: “*de primeiro’ (antigamente), a gente ia rezar, colocava aquele couro de boi na sala, pra pessoas ajoelhar e rezar*” (Fonte oral 2- Exu). Em outra entrevista, ouvimos:

A festa tinha mastro, bandeira... à tardinha começava com o cururu pra levantar o

tradicional) e do cururu (cantoria trovadas de louvação ao santo), constroem os elementos de uma criação cultural de um campo da tradição oral religiosa no território quilombola. Nesse contexto, envolvem desde práticas alimentares, rituais das rezas a valores de grupos. A tradição oral, dessa forma “é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação (BÂ, 1982, p. 183).

Outra prática cultural muito comum nas comunidades quilombolas de Mato Grosso são as festas tradicionais de santo. Na Comunidade Mata Cavallo de Cima, que pertence ao complexo de quilombos do Mata Cavallo, a devoção e a fé marcam a Festa de São Benedito, santo negro, considerado pelos quilombolas como “santo da

proteção”. Há a crença de que São Benedito foi muito venerado pelos seus ancestrais, tendo sua história tradicionalmente associada à descendência de africanos escravizados.

O Sr. Nezinho, morador e que preserva a tradição da Festa, destaca que essa devoção veio de seu bisavô e que foi sendo transmitido às gerações futuras. Ele já faz parte da quarta geração da família, e afirma que a Festa tem todo um ritual e que precisa ser respeitado. Esses saberes vão desde os preparativos das bandeirolas que devem ser na cor azul e branca, o ritual de esmolação, a tiragem de reza, a preparação do almoço e a apresentação da dança do siriri quilombola e do cururu. Para as comidas das festas de santos é a partilha das bênçãos para a comunidade.

166



Imagem 2. Apresentação da dança do siriri quilombola
Fonte: Acervo da autora



Imagem 3. Preparação de almoço da festa
Fonte: Acervo da autora

De acordo com o Sr. Nezinho, a Comunidade se sensibiliza e se mobiliza com os preparativos da Festa. Sempre os mais velhos estão à frente de todo o processo e são eles que

vão orientando os mais novos, estabelecendo uma relação de aprendizagem, principalmente na questão da preparação da comida. É notável a forte interação nas comunidades tradicionais

com as festas religiosas, rezas e culto a diversos santos.

A historiadora Silviane Ramos Lopes da Silva (2006), ao estudar os bens simbólicos no cotidiano de Vila Bela da Santíssima Trindade em Mato Grosso, observou que os conhecimentos dos antepassados estavam presentes no modo cultural como a Comunidade concebia cada detalhe que compunha as festas. Em se tratando da preparação dos alimentos, Silva (2006) menciona que as festividades religiosas é o momento em que se dão as relações sociais entre as diversas comunidades convidadas, e as comidas preparadas nas festas de santos se configuram como uma partilha das bênçãos para a comunidade (SILVA, 2006). Nas festas de santo, todos os quilombolas da Comunidade participam e se ajudam.

Garrafadas e benzeções: medicina e religiosidade tradicional

As formas de religiosidade popular têm interfaces com as práticas de benzeções. Na comunidade Exú, existe benzedeira. Pelos seus conhecimentos sobre rezas, é procurada, principalmente, por familiares para obterem esse tipo de cuidado, conforme verificamos nesta sua fala: “[...] *Eu benzo. Mas não é de tudo. É mais uma arca-caída, quebrante, essas coisas. Aprendi com os mais velho*” (Oralidade 2 – Comunidade Exu).

A benzeção está relacionada à cultura religiosa, compreendendo um ritual que envolve fé e rezas, comumente acompanhados de algum elemento da natureza para usar no ritual. Normalmente, esses elementos são galhos de plantas, água, vela, pedaços de pau, rosários/terços e, até mesmo, a imagem de um santo. Isso muda dependendo de cada tradição seguida, de onde advém esses saberes.

Alguns pesquisadores, dentre eles, a historiadora Laura de Mello e Souza (1986), asseguram que essas práticas advêm do período colonial. Na verdade, a origem das benzeções é um desdobramento de costumes antigos, em que camponeses, solicitavam aos padres que os seus animais fossem abençoados para que se livrassem de moléstias. Essas bênçãos eram dadas especificamente por sacerdotes e/o outros integrantes da igreja.

Entretanto, em determinado momento, essas práticas extrapolaram o espaço das igrejas e as pessoas comuns, sem o consentimento da igreja, começaram a realizar o ato, com característica de benzeção. Tal ato, naquele período, foi veementemente proibido e as pessoas, que benziavam, perseguidas, inclusive pelo Estado, sendo igualado à prática de bruxarias. Souza (1986, p.184) diz que “em 1499, D. Manuel determinava que, juntamente com os feiticeiros, os benzedores fossem ferrados com um F em ambas as faces”.

Segundo Souza (1986), no panorama da religiosidade, no início da colônia, havia uma

especificidade, eivada de reminiscências folclóricas europeias, que, paulatinamente, era fortalecida pelas contribuições indígenas e africanas. Souza (1986) explica que

Avançando pelos séculos XVII e XVIII, o desenvolvimento do processo colonizador propiciava maior interpenetração entre religiosidade europeia, africana e ameríndia; enquanto a Europa tridentina se esforçava em depurar a religião e ‘limpá-la’ das reminiscências folclóricas, a colonização europeia dos trópicos impunha o sincretismo (SOUZA, 1986, p.17).

O processo de desenvolvimento dessas práticas por pessoas comuns, através do hibridismo religioso, sobrevive até os dias de hoje, tornando-se uma crença popular e muito presente em comunidades tradicionais, a exemplo dos quilombolas. Souza (1986) esclarece que,

Nos tempos coloniais, a documentação fala muito pouco dos benzedores. Fica difícil dizer se realmente eram escassos ou se a Inquisição, as devassas episcopais e os demais poderes se importavam pouco com eles. Como o hábito de benzer perdura ainda hoje entre nós, a segunda hipótese parece ser a mais provável (SOUZA, 1986, p. 184).

De bênção à benzeção, tornou-se uma prática popular englobando aspectos sociais que implicam: cuidado com o outro (indivíduo e/ou comunidade); conhecimentos religiosos e conhecimentos tradicionais sobre ervas; todos esses conhecimentos amparados pela tradição oral presentes na Comunidade.

Outro aspecto interessante, dinamizado na Comunidade Jejum, são os saberes tradicionais sobre o cultivo e a manipulação de remédios caseiros. O uso de plantas medicinais na preparação de chás e garrafadas, empregado no combate de algumas enfermidades fez parte da vivência de Dona Olga (79 anos). Considerada uma das anciãs da Comunidade, ela detinha uma vasta sabedoria sobre a riqueza desses remédios naturais. Segundo Vanda, Dona Olga era sua tia, e faleceu em 2017: *“foi uma perda irreparável para nós quilombolas, além dela conhecer as características das plantas, tinha uma habilidade na escolha das raízes, folhas, cascas e frutos. Além disso ela era parteira da comunidade”*.



Imagem 4: Dona Olga Souza, raizeira e parteira da Comunidade Jejum.

Fonte: Turismo Rural Mato Grosso, publicada em 22 de agosto de 2011, por Geraldo Donizeti Lúcio.
Disponível em: <<http://www.turismoruralmt.com/2011/08/comunidade-quilombola-do-jejum-recebe.html>>.
Acesso em: Jul. 2018.

Em depoimento, Vanda destacou que esse saber, que Dona Olga mantinha por mais de oito décadas, foi aprendido com sua bisavó, que foi escrava e a primeira mulher que fundou a Comunidade.

Das formas e técnicas de plantio

Na ação do ser humano na natureza, dentre outros processos, estão as aprendizagens referentes aos usos dos recursos naturais, mediados pelos saberes sobre o ambiente e conhecimentos acumulados e reelaborados pelos grupos sociais, no processo de sobrevivência no local de suas relações sociais. Para Santos (2006),

As ações resultam de necessidades, naturais ou criadas. Essas necessidades: materiais, imateriais, económicas, sociais, culturais,

morais, afetivas, é que conduzem os homens a agir e levam a funções. Essas funções, de uma forma ou de outra, vão desembocar nos objetos. Realizadas através de formas sociais, elas próprias conduzem à criação e ao uso de objetos, formas geográficas (SANTOS, 2006, p.53).

169

Normalmente, o campo (onde se encontra a maioria dos quilombolas) são percebidos sem considerações às diversidades étnico-culturais e raciais que compõem o território, inclusive os fatores históricos dessa diversidade e de seus conhecimentos tradicionais, no uso e manejo da terra.

Historicamente invisibilizados, como remanescentes de quilombos, são, quase sempre vistos como grupos tradicionais, do campo, sem considerar as suas produções culturais e saberes como grupo quilombola. Fidelis (2011) salienta que:

O camponês não tem só uma ‘cara’, uma cor e um vocabulário, ele se mostra bem mais diverso e complexo. Esta constatação vem fazendo com que velhas formas de se analisar os camponeses e seus múltiplos arranjos no campo sejam revistos. As populações tradicionais vêm reafirmando sua identidade camponesa por meio da organização política e das ações articuladas com base em sua etnia (FIDELIS, 2011, p.56).

As memórias sobre suas produções agrícolas, quando estavam no território, indicam práticas de agricultura coletiva, caracterizando, além do uso para a sobrevivência, o uso cultural da terra, na organização de sistemas sociais sob caracterização de “irmandade”, revelada nas práticas religiosas, nas técnicas e coletividade para o plantio, e no próprio uso coletivo da terra e dos recursos naturais:

Fazia roça, grande. Primeiro descoivarava pra poder plantar. Todo mundo ia pra ajudar. [...]eu comecei trabalhar com 7 anos. Eu lembro até o lugar onde papai me colocou pra plantar arroz... era um lugar até de vazante (descreve desenhando no chão)... então na aquele vazante podia plantar em agosto.
Quando nós ia pra festa de São Luiz ali no Bebedouro... na mesma área nossa de Pita Canudo. Já tinha que tá plantado... ai quando passava dia 23, 25, dava aquele pé d’agua... Papai falava, oh! meu arroz vai nascer bonito. Quando passava dai 5, 6 dias ele ia lá o arroz estava tudo brotado! (Oralidade 3-Comunidade Pita Canudo).

A terra sempre foi percebida como bem de todos, sendo o lugar para criar e educar os filhos. A produção agrícola compreende as experiências do grupo com a terra, marcadas por produção de sentidos. Os que procuravam o lugar para se estruturarem, encontravam abrigo

em um pedaço de terra para plantar pelo tempo que pretendesse ficar lá.

O plantio era tradicional, utilizavam a técnica de coivara, conhecida também como roça-de-toco, um método utilizado por muitas comunidades tradicionais como indígenas e quilombolas. Consiste na derrubada da mata e na sua queima após secar as árvores derrubadas. As cinzas são transformadas em um substrato de adubo para a realização do plantio. Seguida de processo itinerante de roça, para permitir um período necessário para a terra se recompor. Nas palavras de Siminski e Fantini (2007),

Esse modelo é descrito por diversos autores e ocorre de modo semelhante em diferentes partes do mundo, é uma das formas mais antigas e relevantes de intervenção humana no meio ambiente [...]. O sistema é baseado na derrubada e queima da vegetação, seguindo-se um período de cultivo e, após o declínio da fertilidade do solo, um período de pousio para restauração da fertilidade (SIMINSKI & FANTINI, 2007, p. 690-691).

Nas estratégias de subsistência, estão as atividades de produção de cultivo, extrativista e pequena criação de animais para alimento da família, conforme ouvimos numa das entrevistas:

Tinha plantação e criação de animais. Tinha arroz feijão, milho, mandiocal... Eu toda vida mexi com lavoura. Tinha umas cabeça de gado. Nós vivia do nosso alimento, não comia nada de fora, tudo era produzido ali... Até açúcar nós fazia ali. Plantava muito fumo de rolo[...]. Socava arroz no pilão, comia arroz na hora, matava um franco pronto...A tua ficava cheio de arroz com casca. O nosso paiol de milho ficava cheio até na bica... tinha produção de abóbora... É como se diz, era benção, tinha futuro,

benefício e liberdade... Conforto. Depois, daí pra cá só 'tropé'... Sofrimento. (Oralidade 3)

A oralidade, além de informar sobre as produções agrícolas, apresenta os infortúnios com a ocorrência esbulho. Os quilombolas vêm de cultura agrária muito forte. Particularmente nos mais velhos, deixou marcas profundas, inclusive de uma clara consciência de como a situação provocou situação de desqualificação econômica do grupo, tornando a vida na cidade bastante tumultuada.

A economia desenvolveu pequenos comércios a partir de produções de fumo, banana, mandioca, rapadura, farinha e outros, conforme relato: “[...] *E vendia na cidade, cada rolo de 50 metros. Vendia rapadura, enrolava na folha da banana, encaixotava e levava. Mandioca, banana também era vendido*” (Oralidade 2)

Nesse processo de lidar com a terra, está a produção de bens a partir dos elementos do ambiente, que caracteriza as formas de uso dos recursos da natureza, pelos quilombolas, para além de alternativas econômicas, ou seja, eles empreendem conhecimentos técnicos prévios, reelaborados com as experiências novas e em contatos com outros grupos sociais. Dessa forma, esses conhecimentos para construir o ambiente para sua integração, ao mesmo tempo que compartilhados e estendidos, estruturam o controle e utilização da terra, para subsistência do grupo e para a produção econômica.

Para as atividades agrícolas, com o tempo, alguns instrumentos eram produzidos para melhorar o trabalho no quilombo. No córrego, estruturaram um monjolo, que era utilizado para a produção de farinha de milho, e também para outras atividades, como o beneficiamento do arroz. Ouvimos de um dos entrevistados que,

Naquela época meu pai falava meu filho... Ele contou pra mim. Essa área aqui meu filho. Onde tá esse marco, não tinha água. E a cabeceira era lá... Então ia crescendo a família, tinha que fazer uma área grande... Ai precisava de formação dessa aérea. Então como que faz? ... Fazer a margem, põe o rio pra frente... Então arrastou corrente naquela época, pra recolher água do bebedouro... Uma vertente de água que é uma beleza... Aquela ali pode falar que é água mineral mesmo (Oralidade 3).

171

A engenhosidade do grupo, para se estruturar no lugar, interfere na paisagem. A mudança da margem do riacho para ficar mais próximo da Comunidade, evidencia técnicas, conhecimentos geográficos e hídricos, são umas das mostras das formas físicas, sociológicas, históricas e culturais de relacionar, influenciar e ser influenciado no/pelo meio ambiente.

Existe uma dinâmica própria na criação e transformação das coisas pelos grupos sociais. Essa dinâmica está no exercício dialético do ser humano e envolve a produção de objetos, transformação deve ser procurada no meio ambiente. Segundo Aguessy (1980), deve se observar essa ação que é dialética, porque há uma troca entre o meio ambiente e o intelecto,

uma vez que a transformação do meio ambiente ocorre “pelas produções do intelecto na reapropriação do intelecto transformado pelo meio ambiente (incluindo, eventualmente, as mudanças que implicam os contatos com outras sociedades)” (AGUESSY, 1980, p.96). Essas questões são perceptíveis nas comunidades.

Por sua vez, a Comunidade remanescente de quilombo Jejum mantém o costume do cultivo de roças tradicionais, uso de plantas medicinais e da produção de doces caseiros.

A Sra. Vanda Alves, moradora dessa Comunidade e líder comunitária, conta que, no início da formação da Comunidade, as roças eram organizadas de forma coletiva, mas hoje já mudou, cada família possui sua área de plantio. Disse ela:

O que a gente cultivava muito ainda são as roças. O plantio não são como antes, que toda a comunidade participava, unidos. Hoje já é mais individual. Hoje também não fazemos a roça totalmente manual, primeiro para o preparo do solo agente usa equipamento, maquinários para preparar a terra. Mas o plantio ainda é manual, do jeito que aprendemos com o nosso antepassado. A gente planta mandioca, banana, batata-doce, melancia, abóbora e outros alimentos que a gente usa mais para comer, para a produção mesmo da família (VANDA, 36 anos, Comunidade Jejum).

No que concerne ao envolvimento da família no cultivo da roça, Vanda destaca que os homens são os que mais participam de todo o processo, mas que as mulheres ajudam no plantio e na colheita, como também os filhos maiores,

que, num período, ajudam os pais na roça e, no outro período, vão para a escola.

Os alimentos produzidos nas roças de Jejum são orgânicos, e alguns produtos são comercializados às sextas-feiras, nas feiras que funcionam na zona urbana do município de Poconé-MT. Os excedentes, são comumente compartilhados com os parentes e/ou utilizados como produtos de trocas com outras comunidades vizinhas, da mesma maneira como os antigos faziam, mantendo uma interação social com as demais populações de outros territórios.

A tradição de roças é um traço característicos dos quilombos tradicionais em todas as regiões do País, ou até mesmo, das comunidades criadas por escravos que migraram para áreas estrangeiras. Historiadores como Flávio Gomes (2005; 2006; 2015); José João dos Reis; Luiza Volpato (1996); trazem reflexões contundentes sobre a presença da prática de roças em territórios de quilombos no Brasil, nas fronteiras estrangeiras e, em especial, em Mato Grosso.

Em seu estudo sobre o campesinato negro no Brasil, Gomes (2015) supõe que as formas culturais nos quilombos podiam ser engendradas tanto de influências de culturas africanas como de reinvenções na diáspora. Argumenta que os saberes produzidos nas senzalas eram estendidos aos quilombos, formando o que o historiador chama de “mosaico cultural”. Essa técnica de cultivo estava presente tanto em território

português quanto em áreas coloniais lusitanas e francesas, nas quais os africanos desenvolveram diversas práticas, dentre elas, as tradicionais roças.

Assim, o autor (2015) relata um episódio ocorrido na Guiana Francesa:

[...] temos a descrição de um quilombo, o Montaigne Plomb, atacado em 1748. Era formado por trinta cabanas, habitado por 72 quilombolas que praticavam a agricultura de coivara e abriam anualmente novas troças, plantando mandioca, milho, arroz, batadoce, inhame, cana-de-açúcar, banana e algodão (GOMES, 2015, p. 64).

Já no território brasileiro, Gomes (2005) descreve a história do Quilombo dos Palmares, frisando a base agrícola como ponto de partida na garantia da sobrevivência dos aquilombados. Assim, em torno dos quilombos, os fugitivos cultivavam feijão, batata, banana e diversos legumes, porém, a mandioca e o milho eram a base do seu alimento. A produção de melado, a partir do plantio da cana-de-açúcar, era foco de interesse dos aquilombados. A terra, para receber o plantio, seguia todo um ritual de preparação, e a colheita envolvia todos os quilombolas, marcado por festividade.

Na Comunidade Jejum, o sistema de roças obedece ao saber quilombola sobre o ciclo das estações. Segundo a Sra. Vanda, o período propício para o preparo da terra começa sempre ao final de maio e segue até julho. No final de agosto para início de setembro, começa o plantio, tendo em vista que já começa a época das chuvas. Observamos que a evolução das

roças tradicionais depende de elementos determinantes que envolvem conhecimento, técnica e habilidades para o desenvolvimento de cada etapa. Nesse sentido, o saber quilombola é imprescindível na condução desse processo, sobretudo, no que se referem às variações climáticas de cada região.

Ao se debruçar sobre a história da escravidão em Mato Grosso, a historiadora Luiza Rios Volpato (1996) observa que os escravos que foram trazidos para Mato Grosso no século XVIII, parte comercializados pela Companhia Geral do Grão-Pará, eram alocados tanto nos trabalhos de mineração, quanto na pecuária e, em especial, na agricultura. A habilidade dos cativos nas plantações é expressa em vários trechos dos escritos da historiadora. Ela aponta a existência de quilombos nos arredores das cabeceiras Rio Manso, nas imediações de Cuiabá e destaca o Quilombo Rio Manso, conhecido pelas autoridades da província de Mato Grosso desde 1859.

De acordo com a autora, esse Quilombo era habitado por 293 pessoas e apresentava um aspecto interessante:

Os quilombolas mantinham roças de cereais, canaviais, fabricavam rapadura e tecido grosseiro. Criavam galinhas e cachorros. Tinham o hábito de buscar sal em Cuiabá, atividade suspensa durante a epidemia da varíola que havia assolado a cidade no ano anterior (VOLPATO, 1996, p. 233).

Atualmente, as roças quilombolas vêm sofrendo impactos por conta do aumento das

áreas destinadas à produção em larga escala do agronegócio. O uso intenso de agrotóxicos vem causando preocupação aos quilombolas de Mato Grosso. Outra questão é a pressão por parte dos fazendeiros, tendo em vista que essas comunidades ainda não possuem os títulos definitivos de suas terras, o que vem gerando conflitos sociais e ambientais.

Saberes sobre a produção de cal no quilombo Pita Canudo

A produção de cal alavancou por um período o desenvolvimento de autonomia econômica, provocando uma microeconomia no quilombo. Em que se fazem presente o manejo e os recursos naturais, depreendeu conhecimentos

tradicionais, do grupo. Um dos entrevistados afirmou que: *“Essa área ai tem 18 forno... Cada um cuidava o seu, um queimava, um queria, outro não queria, cada um tinha o seu... Todos fazia o cal. Quem não tinha trabalhava comigo, eu pagava ele”*.

Um das produções que se destaca na história do quilombo foi a produção de cal, que, por um período significativo, melhorou a atividade econômica das famílias. Todos os núcleos familiares tinham um forno específico para a queima da cal. Indagados de como foi que a comunidade aprendeu a técnica fazem referência aos mais velhos no passado. *“Meu pai já fazia. Nascemos já tinha tudo”* (Fone Oral 2 – Pita Canudo).

174



Imagem 5 - Antigo forno onde faziam a queima da cal.
Fonte: Acervo da autora

Não tem uma precisão de quando a técnica de queima da cal começou a ser utilizada pelos quilombolas. É possível que, dentre os antigos negros, já tivessem esse conhecimento que passou o conhecimento para seus filhos e

assim sucessivamente. Somente mais tarde começou a ser utilizada em maior escala, com intenção financeira. Tornando, dessa forma, uma fonte econômica importante tanto para o quilombo quanto para o município de Cáceres.

Mais tinha o cal. Era uma produção que criou Cáceres. Aquela catedral que tá lá, não tem um cal de fora. Nos levava caminhão cheio de cal, era granel, a gente media no latão de querosene. Duas latas era um alqueire. ... Queimava a pedra... Então o pedreiro falava eu preciso de tanto alqueire... Era um recurso muito bom. Aqui era tudo que comprava, prefeitura, comprava de fornada... Então era desse jeito (Fone Oral 1 – Pita Canudo).

A história exata da origem da técnica da cal é difícil de datar, há algumas informações de que, possivelmente, os primeiros vestígios de produção da cal tenham ocorrido na África, cerca de mais ou menos 3000 anos a.C., de forma mais eficazmente observável, apontam-se as construções das pirâmides, para as quais utilizaram blocos de calcário nas misturas de ligamentos com gesso.

Existem pesquisas diferentes sobre o processo e/ou técnica adotada para a construção dessas pirâmides, o cientista Joseph Davidovits (1998), por exemplo, em seus estudos, sustenta a tese de que elas têm, em suas construções, blocos de calcário trabalhados no próprio local de estrutura da pirâmide.

As pedras das pirâmides são feitas de pedra calcária [...] É feito de concreto e agregados de conchas fósseis que são chamadas numulitas. São conchas, porém têm a forma de moedas e isto é a natureza da pedra calcária da pirâmide e do leito calcário; eles são feitos deste tipo de pedra calcária.^{iv}

A oralidade reconfigurada do passado quilombola traz informações sobre práticas culturais tradicionais, pautadas em conhecimentos e saberes existentes nas

comunidades estudadas. Enfim, os saberes quilombolas constituem elementos fundamentais para a ciência.

REFERÊNCIAS

- AGUESSY, Honorat. Visões e percepções tradicionais. In: BALOGUN, Ola *et al.* **Introdução à cultura africana**. Lisboa: Edições 70, 1977, p.
- DAVIDOVITS, Joseph; MORRIS, Margie **As pirâmides: A solução de um enigma**. Rio de Janeiro-RJ: Editora Record, 1988.
- FIDELIS, L. M. *et al.* Audiência Pública Quilombola: relato de uma experiência política dos Povos Tradicionais Quilombolas do Vale Do Ribeira paranaense. **Sociologia & Política. I seminário nacional sociologia & política UFPR** 2009. Curitiba, 2009. 19p.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 13 ed. (em Português). São Paulo: LTC, 2008.
- GOMES, Flávio dos Santos. **Histórias de Quilombolas: Mocambos e comunidades de Senzalas no Rio de Janeiro, Séc XIX**. Ed. Rev. e Ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. 1. ed., São Paulo: Claro Enigma, 2015.
- GOMES, Flávio dos Santos. **Palmares: Escravidão e liberdade no Atlântico Sul**. São Paulo: Contexto, 2005.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 5. ed., Petrópolis: Vozes, 1997.

KI-ZERBO, Joseph. Introdução Geral. In: **História geral da África I: Metodologia e pré-história da África** 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p. 31-57.

MAY, Tim. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MÜLLER, Maria Lúcia R; SANTOS, Angela M; MOREIRA, Nilvaci L. M. Quilombos e quilombolas em Mato Grosso. Educação, Quilombos e Ensino de História: paradigmas e propostas. **Revista da ABPN**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 18, p. 07-24, nov. 2015 – fev. 2016. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revisitaabpn1/issue/view/3>>. Acesso em: 21 maio 2018.

REIS, João José. Identidade e Diversidade Étnicas nas Irmandades Negras no Tempo da Escravidão. **Revista Tempo**, n.º. 3, p. 7-33. Rio de Janeiro: 1996.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio: história dos quilombolas no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociações e conflito: a resistência negra no Brasil escravista**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Ângela Maria dos. **Identidade e Cultura Afro-Brasileira**. Cuiabá: UAB/EdUFMT, 2011.

SILVA, Silviane Ramos Lopes. **Pérolas negras: As mulheres de Vila Bela na luta pela afirmação da identidade étnica, 1970-2000**. 2006. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História/UFMT, Cuiabá, 2006.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de Santa Cruz – feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

VANSINA, Jan. A tradição Oral e sua metodologia. In: **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**, 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p. 139-166.

VOLPATO, Luíza Rios Ricci. Quilombos em Mato Grosso: resistência negra em área de fronteira. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). **Liberdade por um fio: história dos quilombolas no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 213-239.

NOTAS

ⁱ Mestra em Educação – Doutoranda - Programa de Pós-graduação em Educação – Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), pedagoga e graduanda em Sociologia, pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Educação – NEPRE/UFMT. Cuiabá, MT– Brasil. E-mail: angelmar7@gmail.com.

ⁱⁱ Mestra em Educação – Doutoranda - Programa de Pós-graduação em Educação – Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), graduada em Pedagogia e História, pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Educação – NEPRE/UFMT. Cuiabá, MT – Brasil. nilvacimagalhaes@gmail.com

iii Atividade coletiva para realização de uma ação. Muito utilizada na Comunidade.

iv Entrevista de Joseph Davidovits. Ele é membro da Associação Internacional de Egíptólogos. Registrado em “A construção das pirâmides & pedra calcária reconstituída”, p. 04. Fonte: <http://www.geopolymer.com.br/PDF/entrevista_01.pdf>.

Recebido em: 31/07/2018.

Aprovado em: 30/08/2018.

Publicado em: 31/08/2018.